



## **A CAPACIDADE DE AMAR E DEUS-PAI: UMA LEITURA A PARTIR DA TEOLOGIA FEMINISTA, RELIGIÃO VIVIDA E DA SÉRIE LITERÁRIA HARRY POTTER<sup>1</sup>**

---

***THE CAPACITY TO LOVE AND GOD-FATHER: A READING FROM FEMINIST THEOLOGY, LIVED RELIGION AND THE HARRY POTTER LITERARY SERIES***

**Ivan Kiper Malacarne<sup>2</sup>**

### **Resumo:**

Neste artigo, propõem-se repensar a imagem de Deus, especialmente a figura do Deus-Pai, a partir das imagens femininas que estruturam, de certa forma, o cerne “Sagrado” da série literária Harry Potter. A capacidade de amar, vivenciada pela personagem Lílian Potter, é aqui a imagem do que se pode denominar de “Sagrado” na série, concebendo-o como um centro em torno do qual as narrativas e as personagens gravitam, gerando valores e conferindo significado à vida humana. Esta análise é possível através da religião vivida, como instrumento hermenêutico na teologia prática, a qual propõe olhares e reflexões sobre religião e religiosidade para além dos círculos religiosos institucionais e em diálogo com estes. Desta forma, pretende-se contribuir para as discussões sobre gênero, cultura e teologia.

**Palavras-chave:** Religião vivida. Harry Potter. Teologia Feminista. Deus-Pai. Gênero.

### **Abstract:**

In this article, we propose to rethink the image of God, especially the figure of the God-Father, based on the female images that structure, in a certain way, the “Sacred” core of the Harry Potter literary series. The capacity to love, experienced by the character Lílian Potter, is here the image of what can be called “Sacred” in the series, conceiving it as a center around which narratives and characters gravitate, generating values and giving meaning to human life. This analysis is possible through lived religion, as a hermeneutic instrument in practical theology, which proposes views and reflections on religion and religiosity beyond institutional religious circles and in dialogue with them. In this way, it is intended to contribute to the discussions on gender, culture and theology.

**Keywords:** Lived religion. Harry Potter. Feminist theology. God-Father. Gender.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Enviado em: 30.09.2020. Aceito em: 04.01.2021.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo, RS). Mestrando em Teologia pela mesma instituição. Contato: [kipermalacarne@gmail.com](mailto:kipermalacarne@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A série literária *Harry Potter*<sup>3</sup> está no rol das obras literárias infanto-juvenil de maior sucesso. Escrita por Joanne K. Rowling, autora britânica, a obra desperta interesse desde crianças até pessoas adultas e a permitiu se tornar a primeira pessoa escritora bilionária em toda a história<sup>4</sup>. Desperta-se, pois, o interesse acadêmico de análise do fenômeno *Harry Potter* segundo o seu impacto junto ao público adolescente e jovem. Para tal empreendimento, a religião vivida será utilizada com instrumento hermenêutico. A teologia feminista se insere no labor de refletir sobre as injustiças e desigualdades entre homens e mulheres, buscando novas leituras teológicas que promovam igualdade e justiça de gênero.

O artigo está dividido em três tópicos o primeiro, *Feminismo, teologia feminista e a dogmática cristã: ressignificando saberes e olhares*, esboça a inter-relação entre feminismo e teologia, especialmente no que confere à leitura da própria dogmática cristã, através das análises de gênero. O segundo tópico, *Religião vivida: entre a dogmática cristã e a literatura secular*, apresenta a religião vivida como instrumento da teologia prática nas leituras entre os espaços consagrados da religião institucional e o espaço dito “secular”. O último tópico, *A capacidade de amar e a imagem de Deus-Pai: uma nova leitura a partir das mulheres*, reúne os dois instrumentos hermenêuticos, tanto o gênero quanto a religião vivida na série *Harry Potter*, propondo um centro “Sagrado”, em torno do qual gravita a série, que possibilita a reflexão sobre a leitura de Deus como Pai pelo cristianismo.

## FEMINISMO, TEOLOGIA FEMINISTA E A DOGMÁTICA CRISTÃ: RESSIGNIFICANDO SABERES E OLHARES

Na perspectiva feminista, a definição de sexo engloba os elementos “masculinos” e “femininos” segundo a perspectiva físico-biológica de cada ser humano. Entretanto, os seres humanos determinaram este elemento como definidor no estabelecimento de hierarquias entre homens e mulheres, por meio das quais, por exemplo, o cuidado com a casa e com filhos e filhas se tornou “tarefa” da mulher, enquanto que a vida pública e o sustento da casa são “coisas” do homem. Esta associação permanece na base do patriarcalismo, o qual trata de identificar sistemas de poder nos quais o homem é superior e detentor do poder e a mulher sua submissa<sup>5</sup>. “Na medida em que não há participação igualitária, o homem se sobrepõe, decidindo pela mulher”<sup>6</sup>.

O feminismo incentiva que toda discussão sobre o sentido da vida das mulheres comece pelas experiências e relações cotidianas e não em abstrações absolutas da verdade. O homem não é reconhecido como detentor da mulher nas antropologias propostas pelo feminismo<sup>7</sup>. Assim é possível sair “de uma verdade eterna e de um amor romantizado, de leis estabelecidas para sempre

<sup>3</sup> Composta por sete livros: *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997); *Harry Potter e a Câmara Secreta* (1998); *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999); *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000); *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003); *Harry Potter e o Príncipe Mestiço* (2005); *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007). Os nomes dos livros e dos e das personagens estão de acordo com a tradução brasileira.

<sup>4</sup> ROWLING, J. K. *Oprah e J.K. Rowling na Escócia*. Edimburgo, The Oprah Winfrey Show, 01 out. 2010. Entrevista concedida a Oprah Winfrey.

<sup>5</sup> PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO; INSTITUTO SUSTENTABILIDADE – AMÉRICA LATINA E CARIBE. Questões de gênero na vida comunitária: um desafio para todas as pessoas. Disponível em: [https://ava.est.edu.br/moodle/pluginfile.php/55630/mod\\_resource/content/1/CQGV%20-%20Texto%20final.pdf](https://ava.est.edu.br/moodle/pluginfile.php/55630/mod_resource/content/1/CQGV%20-%20Texto%20final.pdf). Acesso em: 08 ago. 2020, p. 3-5.

<sup>6</sup> PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO; INSTITUTO SUSTENTABILIDADE – AMÉRICA LATINA E CARIBE, p. 5.

<sup>7</sup> GEBARA, Ivone. O feminismo desafiando as teologias cristãs. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, jul.-dez. 2015, p. 43-44.

e entramos na dinâmica histórica do provisório, do cotidiano, de nossos corpos, de meu corpo, do seu corpo, de nossa responsabilidade comum”<sup>8</sup>. É também possível, deste modo, que múltiplas possibilidades de diálogo e reflexão possam tratar da vida humana<sup>9</sup>.

Podemos dizer que a ideologia patriarcal que moldou nossas sociedades está extremamente vinculada com duas outras ideias: o machismo e o sexismo. O machismo é uma ideologia de dominação masculina baseada em construções e posturas sexistas. As posturas sexistas, por sua vez, podem ser caracterizadas por atos ou atitudes que contribuem para oprimir e marginalizar determinada pessoa com base no seu sexo<sup>10</sup>.

Para compreender os meandros das relações humanas, que contemplam para além do sexo, ou seja, das características físico-biológicas, foi constituída a análise de gênero, a qual identifica as interações sociais, culturais e históricas entre homens e mulheres, inclusive moldando e ressignificando as características físico-biológicas do sexo.<sup>11</sup> Esta categoria é fundamental nas reflexões no feminismo, movimento surgido no século XIX primeiramente como “um movimento político que defende a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres”<sup>12</sup>.

Assim, a teologia feminista é um desdobramento do feminismo para dentro das reflexões bíblico-teológicas das igrejas cristãs, transformando as experiências das mulheres como ponto de partida para as leituras hermenêuticas, almejando relações mais justas.<sup>13</sup> Os primórdios da teologia feminista estão no século XIX, principalmente através de Elizabeth Cady Stanton e o grupo de mulheres em torno do propósito de reler e reconstruir a Bíblia, concedendo voz e vez às mulheres de igual modo aos homens. Entre grandes atritos com inúmeros grupos e setores das igrejas cristãs, a teologia feminista se consolidou de modo proeminente na segunda metade do século XX, junto à teologia da libertação (América Latina) e à teologia negra (Estados Unidos).<sup>14</sup>

O cenário da pós-modernidade, ou modernidade tardia, é fragmentado, impossibilitando qualquer sistema totalizante da vida humana. “O mundo já não pode mais ser descrito a partir de uma lógica exclusivista, eurocêntrica e patriarcal”<sup>15</sup>. Negociar os saberes é algo que urge a ser realizado neste contexto de diversidade<sup>16</sup>. “A contribuição teológica feminista neste diálogo reside em sua ênfase coletiva, comunitária, contextual e processual”<sup>17</sup>. A teologia feminista possibilita o destaque para a contextualidade das reflexões teológicas, desenvolvendo suas percepções a partir das experiências cotidianas, além ênfase ao corpo como *locus* primário destas experiências. Assim, “todas as verdades absolutas, tidas como normativas ou simplesmente do senso comum”<sup>18</sup> são colocadas em discussão e destituídas de seu valor absoluto.

A recepção do feminismo nas discussões teológicas é um enorme desafio e, ao mesmo tempo, um indicativo “da continuidade de certa visão do mundo da qual temos grande dificuldade

---

<sup>8</sup> GEBARA, 2015, p. 44.

<sup>9</sup> GEBARA, 2015, p. 43-44.

<sup>10</sup> PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO; INSTITUTO SUSTENTABILIDADE – AMÉRICA LATINA E CARIBE, p. 7.

<sup>11</sup> PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO; INSTITUTO SUSTENTABILIDADE – AMÉRICA LATINA E CARIBE, p. 9-10.

<sup>12</sup> PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO; INSTITUTO SUSTENTABILIDADE – AMÉRICA LATINA E CARIBE, p. 10.

<sup>13</sup> PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO; INSTITUTO SUSTENTABILIDADE – AMÉRICA LATINA E CARIBE, p. 10-11.

<sup>14</sup> GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 415-417.

<sup>15</sup> DEIFELT, Wanda. Interculturalidade, negociação de saberes e educação teológica: contribuições da teologia feminista. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 24, p. 2-9, jan.-abr. 2011, p. 2.

<sup>16</sup> DEIFELT, 2011, p. 2-3.

<sup>17</sup> DEIFELT, 2011, p. 3.

<sup>18</sup> DEIFELT, 2011, p. 4.

de nos desfazer”<sup>19</sup>. Na América Latina, a teologia feminista propôs um olhar crítico para a estruturação das religiões sob a perspectiva da submissão das mulheres em um sistema patriarcal. Quem detêm o poder na religião comumente fomenta e mantém esta relação, especialmente, no que se refere à uma suposta ligação direta entre a vontade de Deus e o homem. Entretanto, a reconfiguração desta hierarquia é lenta ou não acontece.<sup>20</sup>

A teologia feminista interroga a legitimidade das autoridades e de seus discursos quando estas propõem estabelecer uma relação direta entre a “Verdade de Deus” com a verdade dos homens<sup>21</sup>. Ela convida a refletir sob “uma linguagem e um imaginário elaborados a partir da perspectiva da mulher”<sup>22</sup>. Para tal experiência, sua principal ferramenta hermenêutica é a *suspeita*.<sup>23</sup> Gebara a descreve da seguinte maneira:

Suspeita significa aqui a desconfiança e a dúvida em relação às afirmações tomadas como verdades absolutas em relação aos seres humano e ao mundo. Suspeita em relação a um feminino dependente do masculino ou a um feminino considerado passivo e a um masculino considerado ativo. Suspeita em relação ao masculino beligerante criador da vida e da História e ao feminino passivo conservador e reprodutor da vida. Suspeita em relação à divisão sexual de espaços e trabalhos. Suspeita em relação aos chamados papéis sociais. Supostamente estabelecidos pela natureza<sup>24</sup>.

Ademais, as configurações do ser humano contemporâneo não mais comportam a redução da simbologia e das representações de Deus nas figuras masculinas. A manutenção de algumas perspectivas, as quais estimulam e mantêm a submissão das experiências das mulheres nas experiências dos homens, pode promover e perpetuar construções sociais desiguais e violentas para com as mulheres. O que tem potencial para impedir o exercício da cidadania das mulheres em todos os espaços de decisão, seja nas igrejas como também nos diversos setores da sociedade<sup>25</sup>.

Em contraposição à perspectiva antropológica da subordinação (mulher é submissa ao homem), da complementariedade (mulher complementa o homem) e da emancipação (as diferenças entre homem e mulher não importam), a teologia feminista propõe a reciprocidade na diferença, “segundo o qual todo ser humano possui, embora com modalidades próprias, uma plena e equivalente natureza e personalidade humanas”<sup>26</sup>. Esta abordagem pode contribuir na reconfiguração da relação entre ser humano e natureza, rompendo com estruturas hierárquicas totalitárias e absolutas<sup>27</sup>.

Na tentativa de reverter tal quadro de submissão e violência, a teologia feminista insiste na revisão das doutrinas da igreja, inclusive em “pontos centrais da teologia sistemática: a doutrina sobre Deus, a cristologia, a mariologia<sup>28</sup>, a eclesiologia e a ética”<sup>29</sup>. No caso da primeira, a doutrina sobre Deus, ela pergunta “se o símbolo de Deus Pai não é um símbolo patriarcal”<sup>30</sup>. Este símbolo,

---

<sup>19</sup> GEBARA, 2015, p. 41.

<sup>20</sup> GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*. São Paulo: Olho d’Água, 1997, p. 78-81.

<sup>21</sup> GEBARA, 2015, p. 42.

<sup>22</sup> GIBELLINI, 2012, p. 435.

<sup>23</sup> GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 33-37.

<sup>24</sup> GEBARA, 2007, p. 33.

<sup>25</sup> GEBARA, 2007, p. 33-37.

<sup>26</sup> GIBELLINI, 2012, p. 443.

<sup>27</sup> GIBELLINI, 2012, p. 443-444.

<sup>28</sup> Este tema é incidente nas discussões teológicas católicas.

<sup>29</sup> GIBELLINI, 2012, p. 426.

<sup>30</sup> GIBELLINI, 2012, p. 435.

reforçado pela imagem masculina do Filho, também fundamenta a estrutura patriarcal e autoritária na igreja. Insiste-se em indicar que a transcendência de Deus não pode ser limitada à linguagem religiosa e, portanto, busca-se recuperar a feminilidade de Deus. Alas mais radicais da teologia feminista, abandonam a nomenclatura masculina e utilizam expressões femininas ao tratar da divindade e, assim, pretendem afirmar o poder das mulheres<sup>31</sup>.

Ainda que no cristianismo, a imagem feminina mais resgatada seja a do Espírito Santo, na qual se destaca que “a palavra *ruah* em hebraico é feminina, ao passo que em grego é neutra: *pnêuma*, para se tornar masculina em latim: *spiritus*”<sup>32</sup>, instiga-se para a desconstrução da imagem de Deus como *homem*, principalmente a partir da imagem do Deus-Pai<sup>33</sup>. Segundo Gebara, a construção masculina de Deus no Ocidente dificulta ou impede uma discussão que faça “justiça ao feminino e à diversidade de expressões da vida”<sup>34</sup>. Esta imagem da divindade é espelho e força para a manutenção do sistema hierárquico patriarcal, o que pode contribuir para manter o domínio da sociedade nas mãos dos homens e conseqüente submissão das mulheres e das suas experiências a eles.<sup>35</sup>

Refletir sobre novas linguagens dentro do mundo religioso é também romper com as religiões patriarcais que “não só construíram mortalhas de medo, mas de morte”<sup>36</sup>. Trata-se de contemplar e pôr a experiência religiosa das mulheres no plano das discussões teológicas, não somente como acompanhantes (e subjugadas) ou coadjuvante das experiências dos homens<sup>37</sup>. “Sem que percebamos nossas crenças legitimaram a aceitação da dominação transformada em privilégio por servir um Homem-Deus e um Deus-Homem”<sup>38</sup>. Uma das conseqüências disso é a legitimação da submissão das mulheres aos homens.<sup>39</sup>

Com a suspeita como a ferramenta primária e referencial da teologia feminista, cabe aplicá-la nas reflexões dogmáticas a despeito das imagens de Deus trino (Pai, Filho e Espírito Santo) para descobrir como esta construção tornou invisível e submissa, a imagem feminina como semelhante ao Criador, ao homem. Deste modo, não encontrando reflexo na construção dogmática de Deus corre-se o risco de manter o sistema patriarcal vigente na sociedade, especialmente no que se refere à exclusão das mulheres nas discussões sobre o que (ou quem) é Deus.

As ausências e os silêncios são fenômenos que precisam de atenção no processo de questionamento.<sup>40</sup> Desta forma, pretende-se visibilizar e proporcionar o protagonismo feminino na reflexão teológica, reverberando nas vivências cotidianas nas comunidades cristãs. A teologia feminista aponta para o caráter dinâmico da dogmática cristã em estar disposta a sempre dialogar com as questões contemporâneas e não permanecer dentro de reflexões que mantenham alguma forma de *status quo*.<sup>41</sup>

---

<sup>31</sup> GIBELLINI, 2012, p. 435-436; GEBARA, 2007, p. 16-26.

<sup>32</sup> GIBELLINI, 2012, p. 437.

<sup>33</sup> PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO; INSTITUTO SUSTENTABILIDADE – AMÉRICA LATINA E CARIBE, p. 20; GIBELLINI, 2012, p. 437.

<sup>34</sup> GEBARA, 2007, p. 12.

<sup>35</sup> GEBARA, 2007, p. 11-14; GIBELLINI, 2012, p. 441.

<sup>36</sup> GEBARA, 1997, p. 107.

<sup>37</sup> GEBARA, 1997, p. 107-110.

<sup>38</sup> GEBARA, 2015, p. 45.

<sup>39</sup> GEBARA, 2015, p. 45-46.

<sup>40</sup> DEIFELT, 2011, p. 3-5.

<sup>41</sup> DEIFELT, 2011, p. 3-5.

## RELIGIÃO VIVIDA: ENTRE A DOGMÁTICA CRISTÃ E A LITERATURA SECULAR

Da segunda metade do século XX em diante, houve um aumento significativo de trabalhos e reflexões a respeito da relação entre religião e cultura, seja na teologia, na sociologia ou nas ciências da religião. E é neste contexto que brota a hermenêutica da religião vivida na teologia prática. Ela se constitui como uma articulação teológica na abordagem das vivências religiosas, principalmente daquelas fora do âmbito igreja-instituição<sup>42</sup>. “Religião vivida, portanto, passa a ser para a teologia prática ao mesmo tempo uma hermenêutica, uma chave de leitura do contexto, mas também um fenômeno de manifestação do religioso e da religião de maneira mais ampla”<sup>43</sup>. Tem sua origem no contexto europeu ainda que houvesse, no mesmo período, produção acadêmica brasileira de dentro e fora do âmbito teológico que também se preocupava em discutir a relação entre religião e cultura<sup>44</sup>.

A religião vivida está atenta para o movimento do *Sagrado* no cotidiano das pessoas, formando identidades, padrões de comportamento, rituais, reinterpretação dos mitos (cristãos ou não) e na formação e ressignificação de símbolos. Por isso, ela pergunta pela preocupação última do ser humano e dos modos que ele desenvolve para aliviar e dar um significado à angústia que o constitui enquanto ser consciente de sua finitude<sup>45</sup>. “A religião vivida pode estar presente na literatura, nos super-heróis das histórias em quadrinhos, na moda e em tendências de comportamento, na música, no *marketing*, nos *sites* da internet, no cinema”<sup>46</sup>. Ela anuncia que a teologia pode desenvolver as suas reflexões a partir de contextos midiáticos e culturais que superam a própria linguagem religiosa como única fonte e caminho para o exercício da teologia<sup>47</sup>.

De todas as revanches que o religioso já protagonizou ao longo da história humana, a que acontece na contemporaneidade é diferente por ser independente das instituições religiosas clássicas. As fronteiras religiosas são rompidas, ou melhor, diluídas e um processo de transmigração está em curso. E, em parte, isto acontece por não ser possível distinguir com precisão o que é sagrado e o que é profano.<sup>48</sup> A religião vivida, a qual trata deste novo processo e paradigma religioso na teologia prática, afirma que o religioso está em todos os âmbitos de construção cultural humana.<sup>49</sup>

No prefácio da sua obra clássica, *Teologia da Cultura*, Tillich<sup>50</sup> afirmou que o centro das suas reflexões teológicas “tenta definir a maneira como cristianismo relaciona-se com a cultura secular”<sup>51</sup>. Ganzevoort (2016) amplia a perspectiva de Tillich ao argumentar que religião e religiosidade estão para além dos círculos das religiões institucionalizadas. Segundo ele, os

---

<sup>42</sup> ADAM, Júlio César. Religião vivida e teologia prática: possibilidades de relacionamento no contexto brasileiro. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, mai./ago. 2019, p. 312-313.

<sup>43</sup> ADAM, 2019, p. 312.

<sup>44</sup> ADAM, 2019, p. 312-313.

<sup>45</sup> ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o Ensino Religioso. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí; REBLIN, Iuri Andréas; STRECK, Gisela I. W (Orgs.). *Ensino Religioso e Docência e(m) Formação*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013, p. 81-3; ADAM, Júlio César. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 115.

<sup>46</sup> ADAM, 2013, p. 80.

<sup>47</sup> ADAM, 2013, p. 79.

<sup>48</sup> ADAM, Júlio César. Religião e culto em 3D: o filme Avatar como Vicência religiosa e as implicações disso para a teologia prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 1, jan./jul. 2010. p. 103-106.

<sup>49</sup> ADAM, 2010, p. 103-106.

<sup>50</sup> Paul Tillich, teólogo evangélico-luterano alemão, é um dos principais referenciais para tal discussão.

<sup>51</sup> TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 33.

conceitos tradicionais de *religião* e *religioso* não contemplam as interações religiosas nos âmbitos da cultura fora dos espaços religiosos tradicionais<sup>52</sup>. Estes concebidos, normalmente, como constituidores de um sistema e uma vivência de crenças e ritos em divindades, com desdobramento em uma vivência ética e moral dentro de um grupo. Em nosso contexto “pluralized, secularized, and deinstitutionalized religious”<sup>53</sup> (tradução nossa), o termo religião vivida adquire notória importância. A “quintessential question is not whether something is or is not ‘religious’, but what it means when someone defines something as religious or not”<sup>54</sup> (tradução nossa).

Portanto, propõe-se definir religião “como padrões transcendentais de ação e sentido que surgem da relação com o que se considera sagrado e contribuem para essa relação”<sup>55</sup>. O significado de transcendência aqui registrado se refere ao “processo de transcendimento das fronteiras de nossa existência humana do que com algum Ser ou Espaço ou Realidade para além de nosso mundo da vida”<sup>56</sup>. Nesta interação, elementos das religiões institucionalizadas são incorporados e ressignificados em movimentos ditos “seculares”.

Ganzevoort (2016) e Adam (2018;2019) argumentam que a religião vivida possibilita a reconfiguração do papel e a posição da teologia prática frente a todo discurso teológico e a sua posição frente aos fenômenos da desinstitucionalização, secularização e as novas configurações da religião e da religiosidade/espiritualidade.<sup>57</sup> Na perspectiva da religião vivida, toda a *práxis* da Teologia Prática se origina a partir daquilo que as pessoas e os grupos da sociedade concebem e interpretam o sagrado<sup>58</sup>.

Adam assinala que é preciso “aprender a reconhecer e interpretar essas novas configurações [religiosas] por si mesmas”<sup>59</sup>. Trata-se de analisar não somente a moldura, na qual os deuses estão presos, mas dos motivos e dos objetivos que a levaram a existir<sup>60</sup>. Mas também é importante perceber e analisar “o uso que as pessoas fazem de seus conteúdos e formas e a função da religião vivida na vida concreta”<sup>61</sup>. Essa leitura não exclui ou destitui de importância e normatividade as compreensões dogmáticas e eclesiais da vida cristã, mas possibilita maior maleabilidade nas discussões sobre a relevância da igreja na sociedade contemporânea. Desta forma, percebe-se que o cristianismo é uma dentre várias manifestações religiosas explícitas ou implícitas.<sup>62</sup>

Desta forma, é possível que a Teologia Prática não seja restrita em reflexões teológicas que mantenham o *status quo* da igreja, porém, seja capaz de refletir sobre as configurações religiosas fora do âmbito normativo eclesial que concedem significado à vida humana, sendo possível também a crítica para a própria teologia e para a igreja, na medida em que estas permanecem alheias à vida fora de seus limites confessionais e institucionais.

---

<sup>52</sup> GANZEVOORT, Ruard. Molduras para os deuses: o significado público da religião de um ponto de vista cultural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, jul./dez. 2016. p. 359-360.

<sup>53</sup> “religioso plural, secularizado e desinstitucionalizado”. GANZEVOORT, Ruard; ROELAND, Johan H. Lived religion: the praxis of practical theology. *International Journal of Practical Theology*, v. 18, n. 1, 2014. p. 5.

<sup>54</sup> “pergunta quintessencial não é se algo é ou não é ‘religioso’, mas o que significa quando alguém define alguma coisa como religiosa ou não”. GANZEVOORT; ROELAND, 2014, p. 6.

<sup>55</sup> GANZEVOORT, 2016, p. 360.

<sup>56</sup> GANZEVOORT, 2016, p. 371.

<sup>57</sup> GANZEVOORT, 2016, p. 360-361; ADAM, 2018; 2019.

<sup>58</sup> ADAM, 2018, p. 115-119.

<sup>59</sup> GANZEVOORT, 2016, p. 373.

<sup>60</sup> GANZEVOORT, 2016, p. 373-374.

<sup>61</sup> ADAM, 2013, p. 79.

<sup>62</sup> ADAM, 2018, p. 115-119.

## A CAPACIDADE DE AMAR E A IMAGEM DE DEUS-PAI: UMA NOVA LEITURA A PARTIR DAS MULHERES

Lançada entre 1997 e 2007, a série literária *Harry Potter* narra a jornada do protagonista que dá nome a ela. Um garoto que vive no subúrbio de Londres junto de seu tio Válter, sua tia Petúnia e seu primo Duda<sup>63</sup> e que tem a sua vida virada ao avesso ao descobrir que é um bruxo e está destinado a viver e estudar numa das principais escolas do mundo bruxo, a saber, a escola de magia e bruxaria Hogwarts. Durante os anos que sucedem, Harry entra em contato com o seu próprio passado, principalmente sobre o trágico assassinato de sua mãe, Lílian Potter, e de seu pai, Tiago Potter, pelo bruxo das trevas Lorde Voldemort. Este era um famoso bruxo que almejava poder junto de seu exército de comensais da morte<sup>64</sup>, mas que perdeu, misteriosamente, seus poderes e se escondeu durante anos, depois que lançou o feitiço da morte sobre o próprio Harry. Acreditou-se, inclusive, nos anos que se seguiram ao fatídico dia, que o vilão estivesse totalmente derrotado.

Em Hogwarts, Harry vive a sua adolescência com a sua melhor amiga Hermione e o seu melhor amigo Rony, ao lado também do guardião dos terrenos da escola Rúbeo Hagrid e de Alvo Dumbledore, o diretor da escola. Enfrenta com seus e suas colegas inúmeros desafios escolares, mas também confrontou Voldemort em suas tentativas de reaver seus poderes e cumprir com seus propósitos iniciais, a saber, assassinar Harry para poder dominar por completo os mundos trouxa e bruxo. Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*<sup>65</sup>, narra-se o retorno bem sucedido dos poderes e da forma física de Voldemort e, a partir daí, trava-se uma luta para impedir que ele consiga dominar os dois mundos.

Nos dois últimos livros, Harry percebe que, para derrotar Voldemort por completo, é necessário destruir sete Horcruxes<sup>66</sup> criadas pelo vilão. Assim, Harry, Rony e Hermione, com auxílio de inúmeras pessoas que resistem ao avanço de Voldemort e seu exército, partem para realizar tal propósito. No último livro, é narrada a Batalha de Hogwarts, momento ápice da trama em que quatro horcruxes ainda estão vivas ao mesmo tempo em que Voldemort e seu exército cercam e atacam a escola. Entre ataque e defesa, durante uma longa noite, Harry, Rony e Hermione conseguem destruir as horcruxes que restavam, derrotando por completo Voldemort. A paz começa a ser reestabelecida.

O rápido enredo acima descrito ilustra um panorama da série que gerou um “movimento global” em torno de si mesma. Além de ser acolhida por uma geração de fãs, o fenômeno *Harry Potter* também é resultado dos intensos investimentos de *marketing* e das novas tecnologias, principalmente a internet, que possibilitaram uma conexão mundial intensa e totalmente nova. Na teologia cristã, a série recebeu diversas acolhidas, que foram desde recepções que consideram as

---

<sup>63</sup> Enquanto Harry é bruxo, seu tio, sua tia e seu primo são pessoas trouxas, nome dado a quem não é um bruxo ou uma bruxa. Apesar de coexistir, de certa maneira com o mundo trouxa, o mundo bruxo está escondido para às pessoas trouxas.

<sup>64</sup> Além dos comensais da morte, Voldemort reuniu outras criaturas do mundo mágico, como gigantes e dementadores (guardas da prisão bruxa).

<sup>65</sup> ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015d.

<sup>66</sup> Uma magia muito rara e perigosa. Envolve ocultar parte da “alma”, ou seja, uma “parte” do íntimo da pessoa, para permitir que ela viva eternamente. Mesmo que o corpo físico seja destruído, sempre haverá possibilidade de restauração enquanto as Horcruxes estiverem intactas. Cada Horcrux é formada por meio de um assassinato, pois matar rompe a alma. Voldemort criou e escondeu seis delas, sendo que a sétima é o próprio Harry e foi feita quando o vilão assassinou a mãe do garoto.

narrativas e os inúmeros elementos da obra vislumbres do universo cristão<sup>67</sup>, a grupos e pessoas que rejeitaram a obra por ser um material apologético às novas formas de paganismo e de bruxaria<sup>68</sup>. Neste artigo, acolhe-se a obra, através da religião vivida, como um *locus* em potencial para se ler novos centros de sentido e valores, que incorporaram elementos cristãos. Assim, possui grande potencial para rever a própria dogmática cristã<sup>69</sup>.

Dentre inúmeros elementos religiosos, um se destaca e configura toda a narrativa, a saber, o momento em que Voldemort assassinou Lílian e, ao tentar matar Harry, no qual o vilão sofreu com seu próprio feitiço, deixando-o enfraquecido. Este dia é tão enigmático para o próprio mundo bruxo que fez de Harry uma celebridade. Afinal, ele foi o único sobrevivente que recebeu o feitiço *Avada Kedavra*.<sup>70</sup> É por meio de Dumbledore, em suas conversas com Harry, que se descobre que o amor de Lílian pelo filho gerou uma espécie de “escudo protetor” que impediu a morte de Harry e fez o feitiço retornar para o próprio Voldemort. Apenas uma cicatriz em formato de raio e forjada na testa do garoto foi o efeito do feitiço nele. Segundo Dumbledore, este amor protetor é algo desprezado por Voldemort, afinal, quem ama se preocupa com outras vidas, diferente deste que apenas deseja a vida eterna para si.<sup>71</sup>

Lílian e Tiago faziam parte da *Ordem da Fênix*<sup>72</sup> e foram mortos enquanto tentavam escapar de Voldemort. O casal não apenas buscou defender as suas vidas e a vida de Harry, mas participavam da resistência ao avanço do vilão. Aqui há uma primeira relação profunda com os propósitos do feminismo, a saber, contrapor e lutar contra toda forma de opressão, especialmente sobre às mulheres. Voldemort exterminava todas as pessoas que não se tornavam suas aliadas, mas ele tinha um enorme prazer em eliminar alguns grupos “minoritários” como elfos domésticos, animais mágicos e pessoas bruxas de sangue-ruim<sup>73</sup>. Enquanto as fraquezas, inclusive o amor, as relações fraternas, a mútua confiança e a união dos grupos excluídos são desprezadas e eliminadas por Voldemort e seu exército<sup>74</sup>, o feminismo tem estes espaços e relações como ponto de partida para as suas lutas, resistências e esperanças. O sacrifício de Lílian se tornou o maior símbolo de esperança para o mundo bruxo, através, principalmente, de Harry.

No sacrifício de Lílian, pode-se identificar um centro sagrado no qual gravita toda a narrativa, isto é, a capacidade de amar. Não se trata de dizer que ele compõe uma nova divindade, assim como concebe o cristianismo, mas é uma força que gera sentido, força e valores para aqueles e aquelas que lutam contra Voldemort. Importante ressaltar que este momento foi a expressão máxima da capacidade de amar e, sem dúvida, os atos de amor e sacrifício de Harry são reflexos desta capacidade e, conseqüentemente, reflexos maternos. Um poder que conferiu resistência para Lílian que, sob todos os riscos, não deixou ser seduzida pelos poderes oferecidos por Voldemort.

<sup>67</sup> APOSTOLIDES, Anastasia; MEYLAHN, Johann-Albrecht. The crucifixion of consumerism and power and the resurrection of a community glimpsed through Meylahn’s wounded Christ in conversation with Rowling’s Christ discourse in the Harry Potter series. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 70, n. 1, 2014.

<sup>68</sup> ANELLI, Melissa. *Harry e seus fãs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 200-204; ABANES, Richard. *Harry Potter, o perigo oculto do menino-bruxo: fantasia inocente ou fascinação perigosa?* Alfenas: CCC Edições, 2001, p. 47-59.

<sup>69</sup> Dogmática cristã se refere às compilações de doutrina que reúnem, sob diferentes perspectivas e desdobramentos, tudo aquilo que estrutura à vida cristã e constitui sua tradição. Assim, toma-se como exemplo a doutrina da Trindade, que busca confessar, sob várias formas, quem é Deus e como Ele convive com a sua Criação.

<sup>70</sup> É o feitiço da morte e o mais poderoso do mundo bruxo. Não é possível revertê-lo e está entre três feitiços altamente proibidos no mundo bruxo, pois, a pessoa que o conjurá-lo adquire prisão perpétua na prisão bruxa imediatamente.

<sup>71</sup> ROWLING, 2015d, p. 676-679; ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015f. p. 360-362.

<sup>72</sup> Organização criada por Dumbledore para impedir e derrotar o avanço de Voldemort e seu exército.

<sup>73</sup> Uma caracterização pejorativa para quem é bruxo ou bruxa e também possui descendência trouxa.

<sup>74</sup> ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015g. p. 476.

Apesar da capacidade de amar ir além das emoções e sentimentos, trata-se dos afetos, algo que na lógica patriarcal é “coisa” de mulher. Nesta lógica, o poder e o domínio, tal como se apresentam em Voldemort, são características dos homens. Portanto, pode-se entender que há uma contestação dos valores e da estrutura patriarcal, na medida que Harry, o protagonista da série, movimenta-se a partir do amor, dos afetos de sua mãe que o permitiram sobreviver, não cedendo às tentações por poder como Voldemort o fez.

Entretanto, cabe destacar que a análise aqui proposta não é uma idealização de qualquer um dos lados, seja da Ordem da Fênix ou dos e das Comensais da Morte, ou uma dicotomia que divide a humanidade em dois lados. O cotidiano sempre se apresenta ambíguo, com múltiplas possibilidades de ação, e não são poucos os momentos em que Harry se viu tentado a se tornar um comensal da morte. O garoto, ao relatar a seu padrinho Sirius Black a angústia de não saber de que “lado” está, foi alertado por este que o mundo não está dividido entre pessoas boas e comensais da Morte.<sup>75</sup> A capacidade de amar protegeu Harry de ser dominado pelo desejo de viver como um comensal da morte.<sup>76</sup>

Ademais, Harry não é o único que foi agraciado com o sacrifício de Lílian. Todo o mundo bruxo regozijou e lembra com esperança do momento da derreta de Voldemort. O ato de Lílian se tornou um símbolo, carregado de mistério, felicidade, vitória e alívio que ecoaram todos os dias no mundo da magia depois daquele momento. O amor de Lílian ecoou em todas as pessoas que se dispuseram a lutar contra as forças das trevas e do possível retorno do vilão. O amor, desprezado por Voldemort<sup>77</sup>, é o que une e sustenta aqueles e aquelas que resistem à magia das trevas, a qual é usada por bruxos e bruxas para benefícios próprios sem medir as consequências, ainda que elas venham prejudicar alguém. Para a comunidade bruxa que luta contra a magia das trevas, Harry é mais do que um garoto, é um símbolo da luta, “do triunfo do bem, poder da inocência, a necessidade de continuar resistindo”<sup>78</sup>, um símbolo de esperança e do amor de sua mãe.

Para Harry e aquelas pessoas mais íntimas, a capacidade de amar experimentada por Lílian não apenas permaneceu como uma memória passada, mas se faz presente em algumas mulheres muito importantes para a narrativa. Destaca-se duas delas, a professora de Hogwarts, Minerva McGonagall, e Moly Weasley, mãe de Rony. São duas figuras que, sob diferentes modos, foram como “mães” para Harry em diversas ocasiões. Minerva, era chefe da casa da Grifinória<sup>79</sup> e cuidou do garoto enquanto esteve na escola, sendo a líder da resistência durante a Batalha de Hogwarts<sup>80</sup>. Moly se aproximou de Harry por este ser amigo de Rony e o acolheu inúmeras vezes em sua casa, principalmente nos períodos de férias e festividades. Ela também era membro da Ordem da Fênix desde a sua criação e esteve a todo momento envolvida na resistência à Voldemort.

Entretanto, cabe uma ressalva. Em alguns dos trabalhos, que discutem a relação entre feminismo e *Harry Potter*, constatou-se que a construção das personagens, ainda que possuem papel de destaque, questionando aspectos do patriarcalismo, permanecem submissas a este, na medida em que são “coadjuvantes” tanto do protagonista Harry Potter quanto de outros

---

<sup>75</sup> ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015e, p. 249.

<sup>76</sup> ROWLING, 2015f, p. 370.

<sup>77</sup> ROWLING, 2015d, p. 676-679.

<sup>78</sup> ROWLING, 2015g, p. 324.

<sup>79</sup> Por ser uma escola internato, os alunos e as alunas são divididos e divididas em quatro casas assim que chegam em Hogwarts. São elas Grifinória, Sonserina, Lufa-Lufa e Corvinal. Harry, Rony e Hermione pertence à casa da Grifinória.

<sup>80</sup> Dumbledore foi assassinado a mando de Voldemort, o que foi retratado no livro *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*.

personagens homens.<sup>81</sup> Muitos questionamentos surgiram pelo constatação do personagem principal ser um homem.<sup>82</sup> Silva e Costa são mais otimistas quanto à representação das figuras femininas, pois, apesar de compartilharem elementos que as caracterizam como modelos de mulheres dentro de uma lógica patriarcal, um olhar mais atento revela que estas personagens “fogem da figura feminina retratada de forma submissa presente em grande parte dos livros da literatura”<sup>83</sup>.

Nestas rápidas reflexões, pretende-se apresentar um caminho para ressignificar e anunciar Deus a partir da mulher e do feminino. Para muito além de um Deus-Pai que exige, cobra e pune com severidade e certo grau de sadismo como questionou Gebara<sup>84</sup>, legitimando a subserviência das mulheres perante os homens, é possível imaginar um Deus-Mãe, uma face que gera e promove a capacidade de amar, a qual movimentava esperanças, une pessoas, e resiste a quaisquer violências, injustiças ou “magia das trevas”. O sacrifício de amor foi feito por uma mulher não apenas para seu próprio filho, mas com reflexos na comunidade bruxa e na comunidade trouxa. Ainda que Harry seja o herói protagonista e a reflexão aqui estabelecida tenha as suas limitações, é a memória de Lílian que prevalece, afinal, sem ela o símbolo Harry Potter não existiria. Não se trata de discutir se Deus é homem ou não é, mas a imagem do sacrifício de Lílian propõe que, acima de tudo, o amor está nas relações e não em interesses individualistas como os de Voldemort. Assim, é possível insistir que a “imagem de Deus não é masculina, nem feminina, nem individual. A imagem de Deus é relação”<sup>85</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A força do amor, da capacidade de amar, é promotora de esperança e ressignifica a própria imagem masculina de Deus não apenas por ter sua expressão mais intensa na vida de uma mulher, mas pelo fato de ser considerado algo feminino e que denota fraqueza e submissão dentro da lógica patriarcal. Porém, na teologia cristã, é justamente a fragilidade do momento da morte de Lílian, que um poder que supera até a própria morte é experimentado e dá significado e esperança para todas aquelas pessoas que lutaram contra Voldemort, seu exército e toda a magia das trevas. Esta contempla tudo aquilo que vive para si mesmo e forma relações apenas por interesses pessoais e casuais e que logo podem ser descartadas. Sem dúvida, a magia na qual Voldemort se alimenta é a semelhante à lógica patriarcal, a qual tem o potencial de matar, subjugar e invisibilizar tudo aquilo e todas as pessoas que discordam de um único projeto.

Assim como a “capacidade de amar” não tem limites e mantém a força e a coragem da comunidade cristã ao longo de sua existência, permanece como dimensão da *práxis* da teologia prática e da teologia feminista a ampliação dos olhares para além dos círculos clássicos da teologia, proporcionando saberes e sabores a partir de materiais, como uma obra literária dita “secular”, que é reflexo daquilo que os seres humanos compreendem por *Sagrado*. E a partir disso é possível

---

<sup>81</sup> PAULA, Luciane de; SIANI, Ana Carolina. Gênero, raça e classe em Harry Potter: a constituição dialógica de Hermione Granger e Belatriz Lestrage. *Cadernos Discursivos*, Catalão, v. 1 n. 1, 2019, p. 48-52.

<sup>82</sup> SILVA, Arielle Farnezi; COSTA, Olávio Bento Neto. Uma análise da representação feminina e as referências culturais na saga *Harry Potter*: quando até mesmo a magia dialoga com a realidade. In: Seminário de História e Cultura: Gênero e Historiografia da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica, 2015, Uberlândia. *Anais do III Seminário de História e Cultura: Gênero e Historiografia da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015, p. 29-30.

<sup>83</sup> SILVA; COSTA, 2015, p. 29.

<sup>84</sup> GEBARA, 2015, p. 45-46.

<sup>85</sup> PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO; INSTITUTO SUSTENTABILIDADE – AMÉRICA LATINA E CARIBE, p. 20.

ressignificar o próprio discurso teológico, sua dogmática, por exemplo, ao propor que o ponto de partida seja aquilo que é lido e vivido no cotidiano. Para trabalhos futuros, permanece o desafio de discutir teologicamente *Harry Potter*, principalmente com adolescentes e jovens, e de que maneira isso se reflete nos espaços eclesiais.

## REFERÊNCIAS

ABANES, Richard. *Harry Potter, o perigo oculto do menino-bruxo: fantasia inocente ou fascinação perigosa?* Alfenas: CCC Edições, 2001.

ADAM, Júlio César. Religião e culto em 3D: o filme Avatar como Vicência religiosa e as implicações disso para a teologia prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 1, p. 102-115, jan./jul. 2010.

ADAM, Júlio César. Religião vivida e teologia prática: possibilidades de relacionamento no contexto brasileiro. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 311-328, mai./ago. 2019.

ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o Ensino Religioso. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí; REBLIN, Iuri Andréas; STRECK, Gisela I. W (Orgs.). *Ensino Religioso e Docência e(m) Formação*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013. p. 78-92.

ADAM, Júlio César. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 21, n.1, p. 114-128, jan./jun. 2018.

ANELLI, Melissa. *Harry e seus fãs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

APOSTOLIDES, Anastasia; MEYLAHN, Johann-Albrecht. The crucifixion of consumerism and power and the resurrection of a community glimpsed through Meylahn's wounded Christ in conversation with Rowling's Christ discourse in the Harry Potter series. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 70, n. 1, p. 1-7, 2014.

DEIFELT, Wanda. Interculturalidade, negociação de saberes e educação teológica: contribuições da teologia feminista. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 24, p. 2-9, jan.-abr. 2011.

GANZEVOORT, Ruard. Molduras para os deuses: o significado público da religião de um ponto de vista cultural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 358-375, jul./dez. 2016.

GANZEVOORT, Ruard; ROELAND, Johan H. Lived religion: the praxis of practical theology. *International Journal of Practical Theology*, v. 18, n. 1, p. 91-101, 2014.

GEBARA, Ivone. O feminismo desafiando as teologias cristãs. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 40-52, jul.-dez. 2015.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PAULA, Luciane de; SIANI, Ana Carolina. Gênero, raça e classe em Harry Potter: a constituição dialógica de Hermione Granger e Belatriz Lestrange. *Cadernos Discursivos*, Catalão, v. 1 n. 1, p. 47-74, 2019.

PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO; INSTITUTO SUSTENTABILIDADE – AMÉRICA LATINA E CARIBE. Questões de gênero na vida comunitária: um desafio para todas as pessoas. Disponível em:

[https://ava.est.edu.br/moodle/pluginfile.php/55630/mod\\_resource/content/1/CQGVC%20-%20Texto%20final.pdf](https://ava.est.edu.br/moodle/pluginfile.php/55630/mod_resource/content/1/CQGVC%20-%20Texto%20final.pdf). Acesso em: 08 ago. 2020.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015c.

ROWLING, J. K. *Oprah e J.K. Rowling na Escócia*. Edimburgo, The Oprah Winfrey Show, 01 out. 2010. Entrevista concedida a Oprah Winfrey.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015b.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015e.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015a.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015g.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015d.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015f.

SILVA, Arielle Farnezi; COSTA, Olávio Bento Neto. Uma análise da representação feminina e as referências culturais na saga *Harry Potter*: quando até mesmo a magia dialoga com a realidade. In: Seminário de História e Cultura: Gênero e Historiografia da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica, 2015, Uberlândia. *Anais do III Seminário de História e Cultura: Gênero e Historiografia da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015. p. 27-35.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.